

## ROMANCE DO ARRENDADOR

Apparício Silva Rillo

Vendeu os gados e arrendou os campos.  
Reservou-se apenas,  
as casas da Estância,  
o potreiro da frente e o antigo pomar.

Comprou apartamento na cidade.  
Subiu do chão onde plantava botas  
para os carpetes de sala de um décimo andar.

Chegaram os gringos de longe e seus tratores,  
seus arados de disco, suas grades,  
seus caminhões, suas colheitadeiras.

As redondas coxilhas, puro trevo  
- florões de campo para a gadaria -  
foram lavradas da vertente ao cimo  
e as semeadeiras lhes plantaram, ágeis,  
os grãos de vida do primeiro trigo.

Posto abaixo os umbus campeiros  
a cuja sombra de abrigavam gados  
da viva força do sol, pelos verões.

Só um angico ficou na coxilha mais alta.  
Sentinela de galhos que acenam  
como a chamar de volta à sesmaria  
o patrão que se foi a outros rumos,  
deixando a Estância - como quem deserta  
de um campo de batalha conquistado.

E um patieiro ficou a reparar as casas.  
Vestusta assombração arrastando alpargatas  
pelo arvoredo em flor, pelos pátios desertos.  
Fazendo fogo pelas madrugadas  
no galpão que restou abandonado  
da charla viva dos peões de ontem,  
um a um despachados - que a lavoura  
não reserva lugar para os campeiros.

Pobre patieiro! A matear solito,  
sem outro companheiro que o silêncio  
que é irmão gêmeo dos que vivem sós.

Nem um berro de touro nos rodeios!  
Nem um relincho de potro clarinando  
no campo onde as tropilhas retouçavam!  
Os galos da manhã - seu canto alegre -

emudeceram, como por respeito  
à Estância velha que ficou plantada  
como um taura finado que enterrassem  
tal um palanque de pé, na vertical.

Outros ruídos cincereiam os ares  
que era um manto de azul animado por asas  
de garças, quero-queros e joão-grandes:  
- o ronco dos tratores e das máquinas,  
o sincopado metralhar dos geradores  
das bombas a beber águas do rio.

Estranhas vozes aos ouvidos da Querência  
que adormecia nos bordões chorados  
de uma viola ponteando a "Prenda Minha"  
de uma gaita ressongando o "Boi Barroso"...

Longe dali, no apartamento alto,  
um homem pensa,  
um homem lembra,  
Um homem dói-se.

Olha os campos além, azulecidos.  
Na barra do horizonte de seus pagos,  
onde a alma ficou-lhe, como um pala  
de alva seda sobre um tronco morto.

Nem a conta bancária lhe consola,  
esta que é gorda dos arrendamentos  
mas leva marca e sinal de lavouras alheias  
que mãos estranhas plantaram em suas terras  
- campos de pai,  
campos de avós,  
seus, mas não seus....

Agora zanza pelas ruas loucas  
perdido nelas e perdido em si.  
No Sindicato Rural charla com outros  
que como ele abandonaram os potros  
Pelos cavalos-motor dos automóveis.  
O mate corre e a conversa pára.  
E nesta pausa lhes dói como a urtiga  
o haver trocado a dura-doce vida antiga  
por um contrato com timbres de cartório  
e entrelinhas de amargo no seu texto.

Exilados da Estância, se compreendem.

O mate pára e a conversa anda.  
Recuerdos chegam sem pedir permissô:  
- vestem-lhes botas, calçam-lhes esporas,  
abrem-lhes várzeas para o vôo dos fletes,  
rodilhas largas para o doze braças,  
covas de touro para um tombo feio.  
É o que lhes resta dos arrendamentos:  
- um rodeio de duros pensamentos  
e uma conta bancária que lhes paga  
a prisão alta em seus apartamentos.

O trigo,  
a soja,  
os milharais,  
o arroz...

Um século de Estâncias nas lavouras  
e uma risada solar de espigas loiras  
na terra que irmanou campeiro e bois.